

# Imigração japonesa e agricultura: ênfase na imigração de japoneses e descendentes no município de Assaí – PR.

*Japanese immigration and agriculture: emphasis on Japanese immigration and their descendants in Assaí Municipality – PR.*

Jamile Ruthes Bernardes<sup>1</sup>  
Maria del Carmen Matilde Huertas Calvente<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo é parte de um estudo realizado no município de Assaí – PR, no ano de 2008, durante a EXPOASA, exposição agropecuária municipal, com 33 entrevistados, imigrantes japoneses e descendentes de japoneses, no intuito de verificar o processo de imigração japonesa ao Brasil e como conseguiram adquirir terras, em especial no norte do Paraná, no município de Assaí, além de quais foram as opções de utilização para cultivo dessas terras. Mediante economias de salários nas fazendas de café em São Paulo, as terras foram sendo adquiridas pelos imigrantes japoneses entrevistados e os mesmos iniciaram, em Assaí, a formação dos cafezais. O algodão também foi uma opção de plantio, inicialmente, na década de 1930, mas com o passar do tempo perdeu importância devido a problemas econômicos e climáticos (principalmente na década de 1980). O café também foi cultura rentável durante décadas, mas atualmente os entrevistados relataram que as *commodities* como milho, trigo, cana de açúcar e soja são mais fáceis de serem cultivadas, pois requerem menor quantidade de manejo diário, apesar de precisarem de áreas maiores para serem cultivadas. Os entrevistados também relataram que houve interesse em trabalhar com produção e venda de frutas e verduras, mas que os valores de comercialização destes itens nas épocas de colheita são muito ruins o que os fez optarem pelas *commodities*. O café continua sendo cultivado em alguns sítios e algumas fazendas, somente como lembrança familiar, segundo relatos dos entrevistados, pois o rendimento não compensa a produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração. Japoneses. Uso do solo. Café. Assaí.

## ABSTRACT

*This article is a result about the study realized in Assaí – PR, in 2008, during EXPOASA, agricultural exposition hall, with 33 interviewers, Japanese immigrants and descendants of them to verify the Japanese immigration process to Brazil and also to analyze how they get earth, especially in Paraná North, in Assaí, besides analyze how crops they choose to plant. By money economies in coffee farms in São Paulo, Japanese were buying earths in Assaí and they started to plant coffee. The cotton also was an option of crop, mainly in 1930, but then, it lost importance because of economic and climatic problems, on 1980 decade. Coffee also was a profitable crop in some decades, but nowadays the interviewers said that corn, wheat, sugar cane and soy are easier to plant because they don't need diary handling, although they need large areas to plant them. The interviewers also had interest in plant and sell fruits and vegetables, but their low prices in moment of sell discouraged them, and because of this they choose commodities. Coffe is still cultivated in some farms but only as a remembering family, said some Japanese interviewers, because de price is slow yet.*

**KEY-WORDS:** Immigration. Japanese. Land use. Coffee. Assaí.

<sup>1</sup> Graduação em Geografia, Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UEL.

<sup>2</sup> Graduação em Geografia, Doutora em Geografia Humana pela USP, docente do Departamento de Geociências da UEL,

## INTRODUÇÃO

Presentes em maior quantidade nos Estados de São Paulo e Paraná, os japoneses foram inicialmente inseridos nas fazendas de café para que auxiliassem nos tratos culturais e na colheita do produto. O motivo da vinda dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil deveu-se ao fato de que o campo japonês também passou por problemas, tais como revolta dos camponeses contra o pagamento de impostos em dinheiro, a liberdade para comprar e vender terras, mas somente com a possibilidade de pagamento em dinheiro (o que dificultava a situação para os pequenos camponeses, que pagavam em arroz), a importação de arroz da Coréia e de Taiwan, que provocou queda nos preços desse produto no Japão, atingindo diretamente os pequenos camponeses, dentre outros problemas. Muitas pessoas foram expropriadas das terras ou mesmo não conseguiram manter-se no mercado produtivo, pois este demandava investimentos que não estavam ao alcance dos mais desfavorecidos economicamente.

A promessa de que em terras brasileiras a vida poderia ser refeita estimulou a imigração japonesa para o Brasil. Partindo desse viés, o presente artigo tem por objetivo verificar, brevemente, como ocorreu a imigração de japoneses para o Brasil, suas motivações, bem como verificar como a comunidade de japoneses de Assaí e seus descendentes agricultores adquiriram suas terras e iniciaram na atividade de cultivo de diversos itens, entre eles o café e o algodão.

Para elaborar este artigo foram utilizados textos, dados e informações sobre agricultura, produção agrícola, estrutura fundiária brasileira, paranaense e especificamente do município de Assaí, entre outros assuntos relacionados ao processo de produção agrícola. No município foram realizadas 33 entrevistas.

## IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL

Uma contagem feita por Levy (1973) indica que, de 1872 a 1972, ou seja, em um século de imigração, o Brasil recebeu 5.350.889 (100%) imigrantes de várias partes do mundo, e, desses, 248.007 (4,64%) eram japoneses. Pode parecer um número pequeno em relação ao total da população brasileira – aproximadamente 90 milhões de pessoas, na década de 1970 (IBGE, 2008a) –, representando algo em torno de 0,27%, mas a mão de obra desses imigrantes foi muito importante, pois contribuiu de maneira substancial para a continuidade do trabalho nas lavouras, principalmente nas de café.

Fez-se necessário traçar como as migrações continuaram ocorrendo, de 1970 até o ano de 2000, em relação aos imigrantes japoneses, para que se possa analisar se aumentou, diminuiu ou se estabilizou a entrada de imigrantes japoneses no Brasil.

A tabela 1 mostra como foi diminuindo, gradativamente, década a década, a imigração para o Brasil. O movimento migratório muitas vezes não se mostra homogêneo ou contínuo, ou seja: passa por fases que podem ser intensificadas – quando se abre espaço para que novos imigrantes cheguem – ou reduzidas, quando se pretende proteger a mão de obra nacional.

**Tabela 01-** Estrangeiros e percentual no total de estrangeiros, por ano censitário, segundo os países de nascimento.

	1970		1980		1991		2000	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Portugal	410.216	37,89	348.815	38,21	224.849	37,06	175.794	34,46
<b>Japão</b>	<b>142.685</b>	<b>13,18</b>	<b>115.118</b>	<b>12,61</b>	<b>67.024</b>	<b>11,05</b>	<b>52.496</b>	<b>10,29</b>
Itália	128.726	11,89	87.076	9,54	53.543	8,83	43.718	8,57
Espanha	115.893	10,70	81.290	8,91	47.047	7,76	35.809	7,02

Fonte - IBGE (2000).

Sakurai (2007, p. 245), ao escrever sobre a imigração japonesa, ressalta que do “[...] total de imigrantes que vieram para o Brasil, dois terços vieram entre 1925 e 1942”. Analisando-se a tabela, é possível perceber que houve redução na imigração para o Brasil, década a década. A explicação para este fato pode estar vinculada à restrição à entrada de imigrantes, a partir de 1940, cuja taxa limitava-se a 2% do total de imigrantes que haviam ingressado no Brasil desde 1890. Além do mais, as relações diplomáticas entre Brasil e Japão estavam abaladas, na época, em virtude da Segunda Guerra Mundial (ASARI, 1992).

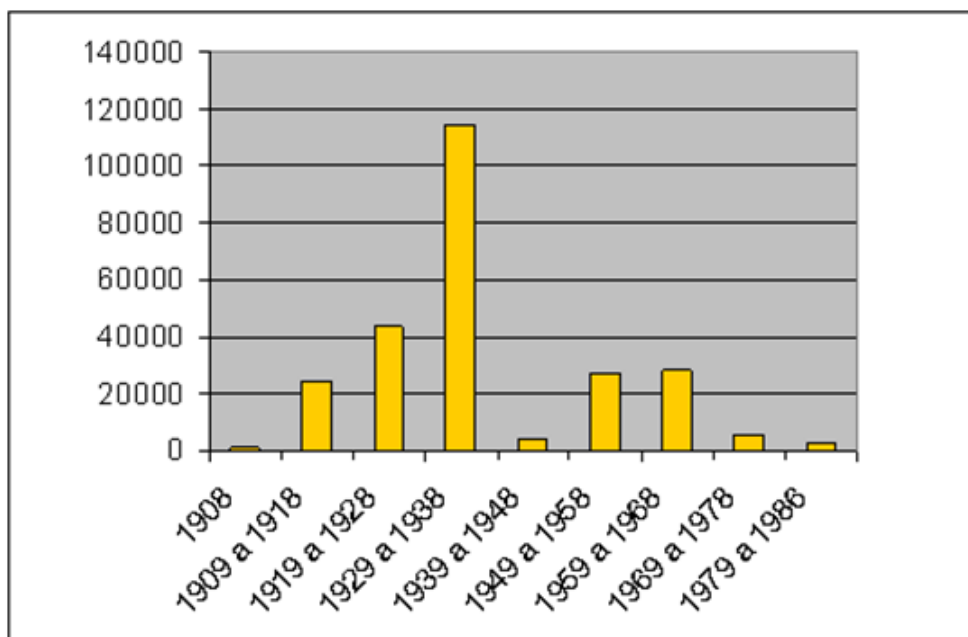
Na figura 01 pode-se perceber a redução gradativa da imigração japonesa no Brasil, desde 1908 – quando chegou a primeira leva de imigrantes – e ocasiões em que o número de imigrantes mostrou-se bastante elevado.

Verificando-se os dados do gráfico a seguir (Figura 1), é possível notar quão expressiva foi a vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil na década de 1930, e que a redução foi ocorrendo conforme já citado. O período mais intenso de imigração japonesa teve seus reflexos em Assaí – PR, foco do presente artigo, com uma ocupação massiva de lotes das glebas disponíveis – que segundo Asari (1992) data da década de 1930 –, por japoneses vindos diretamente do Japão, em menor número, e por japoneses que se deslocavam do Estado de São Paulo, que foram maioria.

Foi na esperança de encontrar um mundo onde seus objetivos pudessem ser conquistados que os japoneses iniciaram uma viagem em busca de oportunidades. Assim, é possível constatar essa esperança de chegar a outro país e ser bem recebido, estabelecer-se e trabalhar. Asari (1992) informa que o governo japonês teve muita responsabilidade com a política de emigração, visando o bem-estar de seus cidadãos, pois era exigido, do país receptor, que tratasse bem os imigrantes, inclusive com garantias em relação aos bons

tratos. A fotografia a seguir (figura 02) mostra parte dos imigrantes que chegaram ao Brasil, no ano de 1908, à espera da definição de para onde seriam encaminhados para trabalhar.

**Figura 01-** Número de imigrantes japoneses que entraram no Brasil de 1908 a 1986.



**Fonte** - ASARI, A. (1992). **Organização** - BERNARDES, J.R (2009)

**Figura 02** - Japoneses recém-chegados ao Brasil, aguardando seu destino na Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo (1908).



**Fonte**- SANO, R.K. (1989).

Há que se ressaltar que o governo do Estado de São Paulo também financiou boa parte das despesas com as viagens dos imigrantes, despesas estas que poderiam ser reembolsadas, depois, pelos fazendeiros, aos cofres públicos, através de descontos nos salários dos imigrantes.

A chegada a um novo país, com novos costumes, usos, língua e alimentação, entre muitas outras diferenças, causa um choque em pessoas que precisam se adaptar às novas condições que lhes são impostas. Certamente não foram somente os japoneses que passaram por esse tipo de adaptação, mas a maioria dos imigrantes que aqui chegaram. Não só a adaptação é difícil, mas também a concorrência que se estabelece entre os trabalhadores nativos e os imigrantes que, na condição de novatos num país estranho, sem qualquer tipo de renda, aceitam trabalhar por baixos salários.

Sakurai escreveu sobre as condições para a emigração para o Brasil e como essa emigração influenciou para que se inserisse uma nova cultura e tradição (japonesa) no país.

A condição prévia para a emigração para o Brasil, até o início da Segunda Guerra Mundial, era a saída de pelo menos três pessoas aptas para o trabalho, sem que outros membros da família fora das condições previstas fossem impedidos de acompanhá-los. Assim o equilíbrio demográfico – graças à presença de adultos, crianças e idosos de ambos os sexos – é um fator que diferencia o Brasil de todas as outras localidades que receberam japoneses. Podemos dizer que aqui se criou um pequeno Japão, reproduzindo a diversidade cultural e linguística existente na terra natal dos imigrantes (SAKURAI, 2007, p.245).

Povo tradicional, os japoneses e seus descendentes, conhecidos como nikkeis, estão inseridos na cultura brasileira. Nikkei é um termo utilizado para designar os japoneses que nasceram fora do Japão ou que vivem no exterior. Cada geração Nikkei recebe denominação própria: issei (imigrantes japoneses), nissei (filhos de japoneses), sansei (netos de japoneses) e yonsei (bisnetos de japoneses).

Há um questionamento, no senso comum, sobre o fato dos japoneses manterem sua cultura e modo de vida fechados, apenas entre eles mesmos, dificultando a inserção de outros povos e costumes em seu meio. Sakurai (2008) revela que esse fato pode ter sido motivado pela forte tradição conservada por eles, bem como pelos conceitos básicos da cultura japonesa, como: práticas voltadas ao relacionamento familiar; culto aos ancestrais; respeito aos idosos e um extremo amor à pátria; determinação de propiciar instrução moral e educação, evitando que as pessoas prejudiquem umas às outras, bem como a proteção do grupo frente a possíveis preconceitos por parte dos ocidentais não-descendentes.

Há, ainda, o problema da adaptação num país com características (climáticas, econômicas e sociais) tão distintas, como é o caso do Brasil em relação ao Japão. Durante esse primeiro contato com o Brasil, alguns fatos contrariavam os imigrantes, desde a alimentação, que se mostrava diferenciada, a moradia, o clima e a atmosfera da fazenda, até a superioridade aparente do administrador, a arrogância do fiscal e o mau atendimento do intérprete. A colocação dos imigrantes nas fazendas também causou mal entendidos e dissabores entre patrões e empregados (migrantes):

A chegada, em 18 de junho de 1908, de cerca de 800 japoneses foi o primeiro resultado desse contrato (mão de obra). Esse primeiro contingente de trabalhadores, após rápida passagem pela Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, foi distribuído no interior do Estado. [...] houve conflitos entre os imigrantes e os funcionários da Companhia Imperial de Emigração, [...] pois indignados com as péssimas condições de trabalho, moradia e remuneração, os japoneses promoveram sucessivas greves, fugas noturnas e rescisões de contrato em cada uma das fazendas. (SANO, 1989, p.02)

Diante desses fatos, as migrações ocorriam com o intuito de encontrarem melhor tratamento em outras fazendas, e muitos entrevistados relataram que economizaram muito para poderem comprar logo sua própria terra. Devido ao descontentamento com o tratamento e a dificuldade em enriquecer e comprar as próprias terras, muitos japoneses fugiam à procura de melhores condições de trabalho ou novas oportunidades.

A dificuldade de comunicação, devido às grandes diferenças lingüísticas, mostrava-se como grande empecilho na negociação – desde a contratação dos trabalhadores até o estabelecimento de salários, da posse na terra ou nas casas das colônias –, na compra de mantimentos, no acesso aos serviços de saúde, transporte etc.. Asari, em sua tese de doutorado, fez algumas considerações sobre as dificuldades pelas quais os imigrantes passaram, logo após a chegada ao Brasil:

Nos primeiros anos de chegada ao Brasil, muitas vezes, a comunicação gestual não era entendida... [...] dificuldade em aprender a língua se refletiu na alimentação, na não adoção dos alimentos existentes no Brasil, na maneira errônea de prepará-los, tornando-os intragáveis, tendo-se registrado casos de anemia, de fraqueza, pela deficiência no consumo de calorías, de proteínas e de outros compostos orgânicos (ASARI, 1992, p. 49).

Há que se lembrar que o imigrante, para Asari (1992), também leva importante contribuição ao seu destino (lugar escolhido para residir após a migração), pois, no país de origem recebeu educação, ou seja, é portador de bens culturais que poderão enriquecer a sociedade que o adota.

O sonho de muitos imigrantes, quando chegam a outro país, é o de alcançar o sucesso que lhes foi negado em seu país de origem. Enriquecer, conquistar seu espaço, construir sua vida, são algumas das metas mais importantes.

Absorvidos pela sociedade brasileira, na grande maioria dos casos os imigrantes experimentaram uma relação entre o homem e a terra e entre o trabalhador e o proprietário que havia se tornado difícil no país de origem. A sociedade de adoção aparentemente recriava relações que estavam desaparecendo no país de origem e se apresentava para ele como a “boa sociedade”, pois os que o expulsaram da terra e que se beneficiaram com a expulsão não estavam aqui. A sociedade brasileira, de certo modo, oferecia-

Ihe de volta o que lhe haviam tirado no país de origem. (MARTINS, 1979, p.119)

Com o passar do tempo, o retorno à pátria também era almejado; o próprio título do trabalho de Asari (1992) expõe essa vontade: “E eu só queria voltar ao Japão”. Sakurai (2007) expõe que as greves e os protestos que ocorreram nas fazendas demonstraram a insatisfação dos imigrantes japoneses em relação às condições de trabalho e aos baixos salários que recebiam. O esforço era grande para pouco retorno. Algumas famílias optavam pela fuga numa tentativa de se desvencilhar dos contratos de dois anos que as obrigavam a permanecer nas fazendas trabalhando. Aqueles que conseguiam guardar algum dinheiro almejavam no futuro a compra de suas próprias terras.

Os japoneses viam-se ludibriados; daí a vontade de retornar ao Japão, ou, no caso disso não ser possível, a opção de deslocar-se do campo para as cidades. Como a intenção de voltar ao Japão era uma máxima entre muitos dos imigrantes, os pais procuravam ensinar a língua e os costumes japoneses aos filhos, para que estes, caso um dia retornassem à sua terra natal, não tivessem dificuldades em relação à adaptação, tanto na escola como em ambiente de trabalho ou na sociedade japonesa de uma forma geral.

## **IMIGRAÇÃO JAPONESA NO NORTE DO PARANÁ: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA**

Para que o leitor possa se situar, no estado do Paraná o processo de imigração dos japoneses ocorreu em três momentos. Ribeiro (2008) relata que o primeiro momento é o da chegada de grupos independentes que formaram colônias no litoral. O segundo, foco deste estudo, refere-se à compra incentivada de lotes, no norte paranaense, com financiamento do próprio governo japonês, na década de 1930. O último momento é o da convergência da comunidade japonesa para a capital do estado.

No norte do Paraná, bem como no estado de São Paulo, o café manteve-se por algumas décadas como produto solidificado no mercado mundial. Em virtude disso, havia muito trabalho para todos os envolvidos: fazendeiros, trabalhadores, comerciantes, exportadores etc.. Muitos que trabalhavam nas fazendas cafeeiras de São Paulo vieram para o Paraná para se incumbir das mesmas funções que executavam lá, ou seja: a de trabalhadores rurais. Oguido (1988) ressalta que a experiência adquirida pelos japoneses nas lavouras cafeeiras de São Paulo contribuiu para que o Paraná fosse, durante muitos anos, o maior produtor de café do Brasil. Com isso, o sonho de ter sua própria terra e cultivar a “árvore do ouro verde” era uma constante entre os imigrantes.

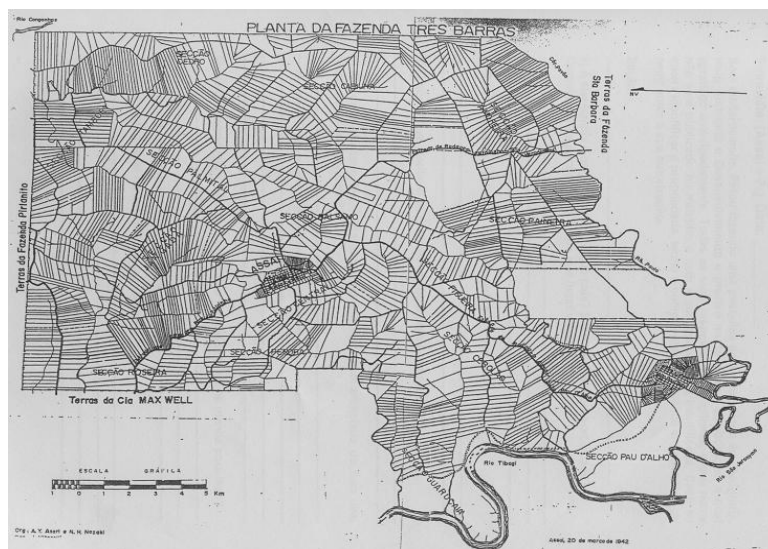
A colonização/ocupação do norte do Paraná, na década de 1930, em linhas gerais, foi implementada pelas seguintes companhias: Nambei (em Uraí), BRATAC –

Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda. (em Assaí) e Companhia de Terras Norte do Paraná (em Londrina). Assaí foi loteada por companhias particulares, que adquiriram os terrenos e os dividiram em glebas e chácaras, ou seja, em pequenas propriedades.

No caso do Norte do Estado, os primeiros japoneses que se fixaram como pequenos proprietários de terra vieram incentivados pelo governo do Japão, por meio da companhia japonesa Yugen Sekinin Buraziru Tokowsyoku kumiai – Bratac, que iniciou suas atividades em 1928 no estado de São Paulo. A empresa comprava os lotes de terra e os financiava para os imigrantes nas áreas destinadas ao cultivo do algodão, na Fazenda Três Barras (depois Assaí). (RIBEIRO,2008, p. 16)

Em 1929, foi formada uma cooperativa de imigração (BRATAC), a qual adquiriu uma gleba na localidade então conhecida por Três Barras (figura 03). Os objetivos da cooperativa, segundo Asari (1992), eram: compra, venda, locação e hipoteca de imóveis; fundação e exploração de núcleos coloniais; introdução e localização de imigrantes; construção e exploração de estradas de ferro, de rodovias e de todos os outros meios de comunicação; e exploração de terras e de todas as atividades relacionadas à colonização.

**Figura 3 - Planta da Fazenda Três Barras.**



**Fonte - Asari (1992).**

Fukagawa (1988) ressalta que ao mesmo tempo em que a BRATAC financiava os imigrantes, também se preocupava em construir escolas e oferecer assistência médica. A BRATAC foi estruturada para planejar seus núcleos de colonização, na tentativa de oferecer e estimular outras formas de investimento, tanto comerciais como industriais, sem deixar de lado os ligados à agricultura. A autora lembra, ainda, que “colonização” tinha a conotação, na época, de promoção da fixação do ser humano no solo, para que este pudesse elevar

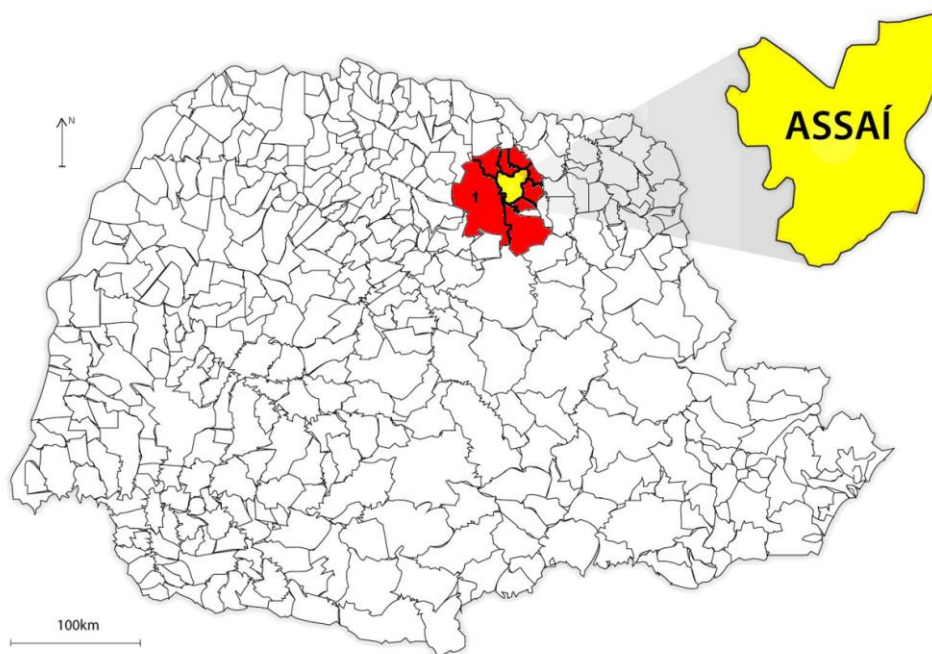


seu nível de vida, de saúde e de instrução, por meio do aproveitamento econômico da região.

O núcleo de Assaí (Três Barras), segundo Asari (1992), compreendia uma área de 18.000 alqueires de terra. Essa área foi dividida em parcelas menores, pequenos sítios de cinco a 15 alqueires, que foram adquiridos por agricultores japoneses – como já se relatou –, vindos do oeste paulista. Na planta da fazenda (figura 3), é possível verificar a divisão dos lotes e das seções. A área rural de Assaí ainda é dividida em seções (pequenas glebas).

O município de Assaí (figura 4) está localizado na Mesorregião Norte Central do Paraná, já adentrando a Mesorregião Norte Pioneira. Faz divisa com os municípios (destacados em vermelho) em sentido horário (a começar pelo número 1): Londrina, Ibiporã, Jataizinho, Uraí, São Sebastião da Amoreira, São Jerônimo da Serra, Santa Cecília do Pavão e Nova América da Colina. Assaí, cuja área é de, aproximadamente, 440 quilômetros quadrados, tinha 16.098 habitantes no ano de 2007, segundo contagem do IBGE (2008b).

**Figura 4-** Localização do município de Assaí – PR e suas divisas municipais - 2009.



**Fonte** - Base cartográfica: Símbolos Nacionais (2009). Elaborado por: Beatriz Figueiró.

Essas terras, que hoje pertencem a muitos descendentes dos imigrantes japoneses, nas primeiras décadas do século passado já produziam café pelas mãos dos que ali primeiro chegaram. O café, produto utilizado pelo governo japonês para motivar a emigração, nos anos 1930/40 já apresentava problemas, pois desde 1929, com a quebra da bolsa de Nova Iorque, o volume de exportações vinha caindo paulatinamente.

Nesta pesquisa realizada com 33 imigrantes japoneses, em Assaí – PR lhes foi perguntado de que lugar do Japão suas famílias vieram, o ano da chegada ao Brasil e para que local se dirigiram. As famílias dos entrevistados vindos do Japão eram provenientes das seguintes províncias: Fukushima, Okayama, Shizuoka, Hiroshima, Kumamoto, Fukuoka, Kochi, Yamaguchi, Kyoto, Okinawa e Hokkaido. Por fim, houve entrevistados que não se lembraram de nenhum dado; somente sabiam informar que sua família era proveniente do Japão.

Ao chegar do Japão, 97% das famílias foram morar e trabalhar no Estado de São Paulo nos municípios de Cafelândia, Garça, Capão Bonito, Ribeirão Preto, Ibirá, Cravinhos e Araçatuba. Os que não souberam informar o local para onde seus familiares se dirigiram declararam somente que eles trabalharam no Estado de São Paulo, até conseguir recursos para comprar terras em Assaí.

Um dos entrevistados chegou ao Brasil e seguiu direto para Assaí, mas numa época diferente da dos entrevistados que foram para São Paulo, no ano de 1955, enquanto que os outros chegaram no período entre 1913 e 1939.

Os imigrantes japoneses recém-chegados ao Brasil, parentes dos entrevistados, trabalharam em média oito anos nas fazendas de café, em São Paulo. Ali conseguiram reunir algumas economias e, em seguida, deslocaram-se para o Paraná, onde as empresas de loteamento como, no caso, a BRATAC, em Assaí, dispunham de lotes e facilidades para venda aos imigrantes. Um dos entrevistados disse que seu pai trabalhou por dois anos em uma fazenda, no Estado de São Paulo, e então conseguiu comprar um lote em Assaí, conforme depoimento a seguir:

Meu pai trabalhou duro num sítio em São Paulo mas depois de dois anos ele já conseguiu comprar aqui. Aí foi trabalhando na nossa terra e de volante em outros sítios aqui da região pra conseguir dinheiro para investir na nossa propriedade. Aí ele arrendou 2,5 alqueires e trabalho por mais três anos e conseguiu dinheiro para comprar mais 8,5 alqueires, isso em 1941. Hoje tenho sociedade com um irmão e juntos temos mais de 400 alqueires. (ENTREVISTADO 13)

Oguido (1988) traz em seu livro relatos de japoneses que compraram terras no Paraná, onde construíram suas vidas. É possível perceber que a dificuldade em obter um pedaço de terra para produzir, em vez de fazê-los desistir, impulsionou-os a atingir o objetivo que tinham em mente:

Cada família ganha um saco de feijão, de arroz, e de farinha, sal, óleo, querosene, lamparina e enxada. [...] “dia seguinte, antes do sol nascer, família começou na enxada: pai, mãe, irmãos. Família toda trabalhou sete anos assim.” Mesmo trabalhando de sol a sol não dava para juntar dinheiro. O sonho de ficar rico no Brasil estava cada vez mais distante. [...] foi exatamente com a crise do café que os japoneses conseguiram juntar

dinheiro para comprar terras. “Com a crise, fazenda ficou três anos sem pagar, só dando vale. Quando o fazendeiro conseguiu vender café, pagou tudo de uma vez. Aí a família teve dinheiro para comprar terra. Economia na marra.” (OGUIDO, 1988, p.137)

A aquisição dos estabelecimentos em Assaí (tabela 02) foi mais uma das questões apresentadas aos entrevistados, na tentativa de se obter informação sobre quem, entre os membros da família, comprou o lote; até mesmo para verificar se parte da família permaneceu no Estado de São Paulo, ou se todos se deslocaram para o Paraná.

**Tabela 02** - Aquisição dos estabelecimentos dos entrevistados.

<b>Quem comprou o estabelecimento?</b>	<b>Respostas</b>
Os pais do entrevistado	18*
Os avós do entrevistado	12*
O próprio entrevistado	02
Outros parentes do entrevistado	02

**Fonte** - Pesquisa “*in loco*”. Assaí 05, 06 e 07/06/08. Org.: BERNARDES, J. R.

\* (R.M). Um dos entrevistados disse que seu pai e seu avô compraram juntos.

O entrevistado 9 comentou que a ingenuidade de alguns imigrantes japoneses foi muito grande, pois estes chegaram a acreditar em frases do tipo: “*No Brasil, vocês encontrarão arvorezinhas que dão dinheiro, você planta e nasce dinheiro dela*”. Essa afirmação pautava-se no café, no sucesso que os produtores poderiam alcançar, se viessem ao Brasil para se dedicar a essa atividade. Asari (1992) escreve que após 1925, no Brasil, os imigrantes japoneses não trabalhavam somente nas lavouras de café, mas também nas de algodão, produto que se tornou importante na economia nacional.

Fukagawa (1988) relata que o incentivo para produzir algodão por parte da BRATAC ocorreu em virtude da falta de amparo aos agricultores para a produção de café por meio da não-concessão de financiamentos para formar cafezais. Segundo a autora, o objetivo, em Assaí, era produzir algodão.

A cotonicultura viabilizaria o envio da matéria-prima às indústrias têxteis do Japão, favorecendo seu país de origem. Ou seja: a condição de proprietário e produtor de um produto que poderia permanecer no Brasil foi modificada pelos planos das frentes pioneiras, onde é notável o caráter expansionista japonês em território brasileiro.

Sabe-se que o beneficiamento da matéria-prima lhe confere um valor agregado bem maior. E como boa parte dessa rentabilidade não permanecia no Brasil, os japoneses tornavam-se empregados, mesmo que indiretamente, de seus países de origem. Essa realidade foi mudando à medida que a produção de algodão passou em parte a ser voltada para o mercado nacional, impulsionando o desenvolvimento das indústrias têxteis, principalmente no estado de São Paulo.

Asari (1992) destaca que a partir de 1934 a produção de algodão na Fazenda Três Barras foi sucesso em produtividade. A terra roxa, extremamente fértil, permitiu que muitas pessoas se interessassem em plantar algodão. A partir daí, muitos lotes foram comercializados, levando rápido retorno financeiro à companhia de colonização BRATAC. Oguido (1988) revela que em 1934 o agricultor Heiju Akagui plantou algodão em Assaí, como experiência, e obteve um resultado surpreendente: conseguiu colher 360 arrobas por alqueire. Esse fato tomou proporções inimagináveis; Assaí teve seus alqueires de terra vendidos rapidamente.

Segundo Oguido (1988), apesar do algodão ter sido o principal produto no ano de 1935, a formação dos cafezais continuou por parte de agricultores que além de acreditar no produto já possuíam mão de obra especializada para cultivá-lo. Para manter essa produção cafeeira, até que conseguissem retorno, ou seja, até que os pés começassem a produzir, os agricultores plantavam, entre as ruas de café, culturas de subsistência como batata-doce, feijão e abóbora, entre outros. Vale ressaltar que, mesmo depois que os pés de café começavam a produzir, os agricultores continuavam mantendo as culturas de subsistência. Essa possibilidade de cultivar as chamadas culturas de subsistência permitia ao agricultor vender o excedente e conseguir segurança para sua família, caso a produção de café apresentasse alguma queda na safra ou no preço final. Sakurai (2007) lembra que outros produtos, como arroz, batata, chá e banana, cultivados pelos japoneses, foram inseridos no mercado nacional, possibilitando complemento na renda.

No Estado de São Paulo, a partir de 1930, com o crescimento das cidades médias do interior, os chamados cinturões verdes (plantação de legumes, frutas e verduras) aumentavam cada vez mais. Segundo Sakurai (2007), logo se passou a falar sobre uma possível “vocação agrícola” dos japoneses, que chamavam a atenção por sua forma de entender a agricultura, desde a produção até a comercialização. Com a formação de cooperativas, os japoneses conseguiram ir além do conhecimento da produção e passaram a colocar outros itens no mercado, como frango e ovos, frutas e verduras, legumes e flores. Dessa forma, a “vocação agrícola” foi se fortalecendo e, percebe-se, atualmente, o cultivo de alguns produtos diferenciados, como raízes e ervas medicinais.

## **ANÁLISE DO USO DO SOLO PARANAENSE: ÊNFASE NO NORTE DO PARANÁ**

Verificou-se como se comportou a produção paranaense nas duas últimas décadas – mais precisamente até o ano de 2007 – com relação a alguns produtos, como café e algodão, apontados nas citações apresentadas neste estudo como duas cultivares importantes para o Paraná. Utilizaram-se os dados produzidos pelo IPARDES (2008a), que relacionam área, produção e produtividade desses dois produtos.

Para observar como a modernização agrícola atuou no campo paranaense após a década de 1970, foi definido que 27 anos – ou seja, a partir de 1980 –, seria um período suficiente para se perceber a evolução desse processo, pois a modernização no campo já estava mais consolidada, sobretudo onde houve capital para investimentos.

Foi possível perceber o atual contexto agrícola paranaense e constatar que todos os produtos listados, a saber: algodão, arroz, batata inglesa, café, cana de açúcar e cevada tiveram aumento na produtividade, de 1980 até 2007. Este fato pode ser explicado pela modernização agrícola, bem como pelo incremento de estudos e investimentos em biotecnologia, o que permitiu que novas sementes fossem desenvolvidas – incluindo as transgênicas – e que a produção pudesse ser controlada graças a recursos como previsão do tempo, apoio de órgãos como o Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) e assistência de agrônomos que acompanham os proprietários, entre outros.

A produção de algodão despencou de 561.519 toneladas, em 1980, para 25.902, em 2007, e teve sua área colhida diminuída em 27 vezes, de 1980 até 2007. Em contrapartida, a produtividade em quilos por hectare aumentou 30%. No município de Assaí, o algodão foi importante cultura.

Em relação ao café, no ano de 1980, o Paraná apresentava uma área de 734.152 hectares colhidos, o que gerava uma produção de 180.000 toneladas, com uma produtividade de 245 quilos/hectare. Em 2007, a área colhida de café no Paraná diminuiu 7,5 vezes, mas a produtividade em quilos/hectare aumentou, aproximadamente, 4,5 vezes.

Em Assaí, pelos dados do Censo Agropecuário 2006, realizado pelo IBGE (2006), a produção de café está inserida em 420 hectares no município, com rendimento médio de 1.560 kg/hectare e produção total de 655 toneladas. Assaí representa, portanto, 0,5% do total de hectares de café plantado no estado.

Tendo como foco o algodão, a área colhida em 2006 foi de 20 hectares e a produção total de 35 toneladas, com produtividade de 1.750 Kg/hectare. Neste caso, Assaí representa 0,2% da produção paranaense de algodão. Este dado revela o quanto essa cultura deixou de ser produzida no município.

Quanto aos outros produtos, como o arroz e a batata-inglesa, verifica-se, também, uma redução da área colhida na escala estadual. Mas a batata-inglesa apresentou alta na produção, pois em 1980 foram produzidas 521.762 toneladas de batata e, em 2007, 600.666 toneladas. O arroz caiu de 638.000 toneladas, em 1980, para apenas 174.254 toneladas em 2007, denotando uma mudança no perfil da produção agrícola paranaense, que optou por reduzir a produção de algumas culturas para aumentar a produção de outras, como é o caso da cana de açúcar e de *commodities* como soja, milho e trigo. No caso de Assaí, a produção de arroz em 2006, segundo o IBGE (2006), foi de 23 hectares, com

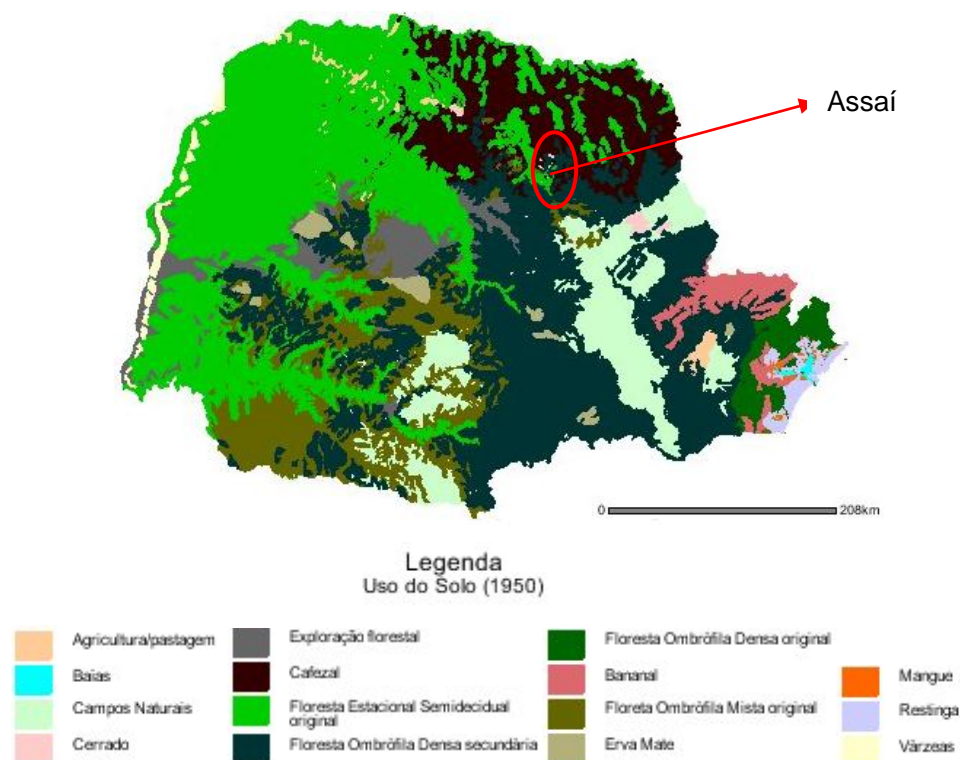
produtividade de 1.348 quilos/hectare e produção total de 31 toneladas, representando 0,02% da produção estadual.

Os produtos que tiveram aumento na área colhida, na produção e na produtividade foram a cana de açúcar e a cevada. Em 1980, a área colhida de cana de açúcar no Paraná foi de 57.990 hectares. Em 2007, essa área aumentou para 554.855 hectares, ou seja, houve 950% de aumento da área colhida. A produção passou de 4.451.480 toneladas para 46.539.991 toneladas, mas a produtividade se manteve sem muitas alterações, isto é: em 1980, produziu-se 76.763 quilos/hectare e, em 2007, 83.878 quilos/hectare. A cevada apresentou aumento na área colhida, de 1980 para 2007, de apenas 6.000 hectares. Mas a produção aumentou de 39.172 toneladas para 128.365 toneladas, ou seja: 300% de aumento.

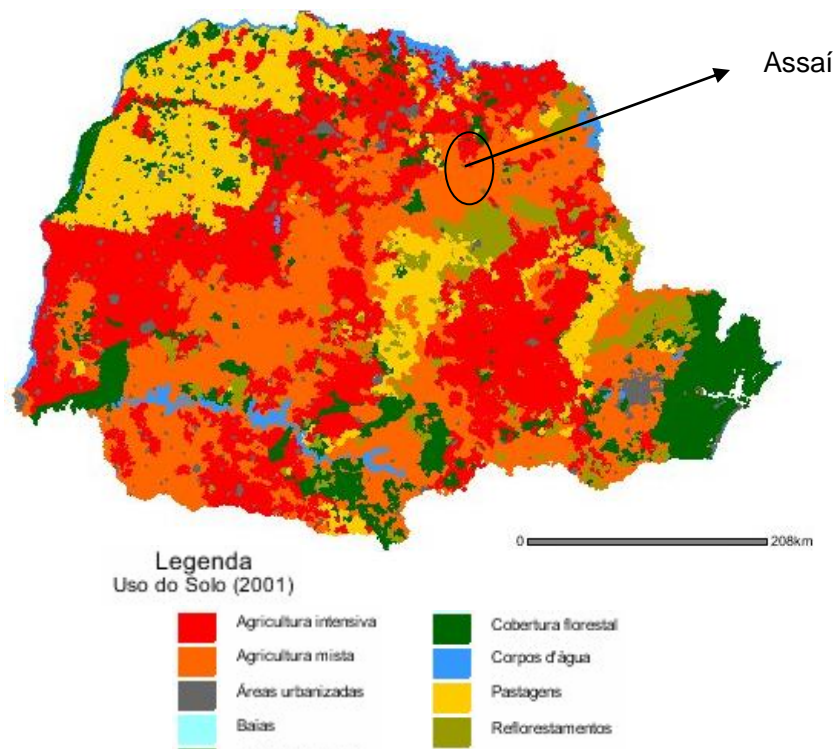
Apesar dos entrevistados em Assaí não terem ressaltado que estão plantando cana de açúcar, declararam que estão ocorrendo, no município, arrendamentos para usinas de açúcar e álcool. Portanto, achou-se importante destacar que o município também participa dessa produção, representando, em 2006, 0,015% da produção estadual, segundo o IBGE (2006).

Os mapas que se seguem (figuras 05 e 06) apresentam um panorama do uso do solo paranaense, num período de cinquenta anos, bem como as mudanças ocorridas nesse período.

**Figura 05** - Mapa de uso do solo Paraná 1950.



**Fonte** - IPARDES (2008b).

**Figura 06** - Mapa de uso do solo do Paraná ano 2001.

**Fonte-** IPARDES (2008b).

A figura 05 revela o Paraná de 58 anos atrás, onde se pode perceber, na Mesorregião Noroeste do estado, uma densa cobertura florestal, denotando que ali a ocupação foi mais tardia, em relação à Mesorregião Norte Central e Norte Pioneiro, área onde os cafezais já se mostravam presentes. Nas Mesorregiões Oeste, Sudoeste e Centro-Sul percebe-se que há cobertura florestal densa e campos naturais. Adentrando a região Centro-sul, verifica-se a presença de erva-mate e, seguindo para a região sudeste e metropolitana de Curitiba, nota-se a presença de bananais, florestas e restinga. Há pouca incidência de agricultura e pastagens.

É possível concluir, portanto, que na década de 1950 o Paraná apresentava pouca atividade agrícola em relação à ocupação do território por florestas e campos. O mapa da figura 06 apresenta uma situação bem diferente, a do Paraná do século XXI, com altos níveis de uso e ocupação do solo pela agricultura e muito pouco da densa cobertura florestal que se verificou no mapa anterior. É interessante refletir sobre a modificação no uso do solo e sobre as conseqüências dessa mudança significativa.

A região Norte-Central vem apresentando, cada vez mais, o uso do solo voltado para a agricultura intensiva, com presença, também, de agricultura mista, alguns pontos de pastagens e pouca cobertura florestal. O município de Assaí também se mantém nessa linha de utilização do solo, com ênfase, principalmente, na agricultura mista. No noroeste do

estado, a presença de pastagens é maior, muito provavelmente em virtude de o solo ser arenoso, diferente do latossolo roxo, presente na região de Londrina.

Por todo o estado, é notável a transformação do uso do solo: antes (1950), quase que composto somente por florestas; agora, modificado em favor do capital agropecuário. A região da Serra do Mar, próxima ao litoral do Paraná, compreende uma das poucas áreas de densa cobertura florestal do estado. É possível perceber, também, a preocupação com os reflorestamentos, que existem em pequenas áreas do estado e caracterizam a necessidade de se reflorestar para, futuramente, utilizar. No Paraná existem algumas fábricas de papel que já possuem parques como reservas biológicas e que estão utilizando o reflorestamento como fonte de matéria-prima. No município de Assaí também existem pequenos núcleos de reflorestamentos, mas ainda em fase inicial.

Outros itens de cultura permanente e de cultura temporária constam dos dados da pesquisa realizada com agricultores japoneses e descendentes em Assaí, os quais servirão como suporte às discussões para finalização do presente estudo, onde também será relatado o uso do solo por agricultores do município de Assaí-PR.

Hoje, nos lotes dos entrevistados, ocorre uma diversificação: variedade de culturas plantadas; possibilidade de aumento da plantação de grãos em virtude do acesso aos implementos agrícolas e, também, pelo aumento da plantação de cereais e pelo domínio do mesmo (em porcentagem de ocupação no solo) no estabelecimento dos entrevistados. Da área total, 62% está voltada ao plantio de grãos, ou seja, mais da metade da área é dedicada a este tipo de cultura. A explicação para o fato, tomando como base as respostas dos agricultores entrevistados, é que esse tipo de cultura dá menos trabalho, ou seja, não necessita de manutenção diária, além do preço no mercado compensar mais que o de produtos como legumes e verduras.

Devido ao crescimento da produção e do consumo mundial, cada vez mais agricultores brasileiros resolvem se inserir no mercado de cereais, certos de que tudo o que for produzido será vendido.

Sabe-se que a monocultura não é a melhor opção indicada para pequenos lotes, ou seja, para pequenos agricultores. Esse tipo de produção, além de exigir alto nível tecnológico, não permite que o agricultor dele subsista como ocorreria se este se dedicasse simultaneamente a culturas como arroz, feijão, legumes, verduras, entre outras. A plantação de culturas variadas, como frutas, que apareceu em 17% do total de área cultivada, demonstra que alguns agricultores já perceberam a possibilidade do bom rendimento que esse segmento pode trazer, embora com algumas ressalvas feitas pelos entrevistados, entre elas a de que “plantar o que todos plantam não é o segredo”. O segredo é diversificar, produzir frutas exóticas, que não são comuns na região de Assaí, como: cupuaçu, graviola, jambo, caju, maçã, jenipapo, carambola, castanhas e amêndoas etc., e também beneficiar



algumas frutas, transformando-as em compotas, conservas, doces, que podem ser vendidos com valor agregado.

Analisando a tabela 3 é possível perceber que os valores referentes às culturas de soja, trigo e milho são bastante expressivos no município de Assaí, pois no ano de 2006 somaram quase 30 milhões de reais. O algodão, produto que elevou o município de Assaí à condição de capital nacional do algodão, já não é opção de muitos agricultores, pois representa apenas 0,01% do valor total das culturas temporárias. Os dados sobre o café, apresentados na tabela, mostram que este ainda é um cultivar presente e importante, pelo valor que gera se comparado a outras culturas permanentes como banana, limão, pêssego etc.

**Tabela 3-** Lavoura permanente em Assaí no ano de 2006

Lavoura permanente	Quantidade produzida (toneladas)	Área plantada (hectares)	Valor da produção (reais)	Rendimento médio (kg/hectare)
Abacate	1.440	60	230.000,00	24.000
Banana	980	49	216.000,00	20.000
Café (beneficiado)	655	420	1.245.000,00	1.559
Caqui	546	21	382.000,00	26.000
Laranja	75	5	25.000,00	15.000
Limão	12	1	6.000,00	12.000
Maçã	32	8	32.000,00	4.000
Manga	45	3	18.000,00	15.000
Pêra	40	4	84.000,00	10.000
Pêssego	120	8	144.000,00	15.000
Uva	4.832	241	7.248,00	20.049

**Fonte-** IBGE (2007).

Os números apresentados nas tabelas 3 e 4 confirmam os dados que foram coletados na pesquisa realizada com os agricultores em Assaí, visto que os entrevistados, de modo geral, revelaram que em seus estabelecimentos há maior presença de grãos e cereais, seguidos por frutas e pelo café. Todos os agricultores entrevistados, tanto os que trabalham com grãos como os que trabalham com outros tipos de culturas, declararam que utilizam uma parte de seus estabelecimentos para cultivar produtos para consumo próprio. A maior parte dos entrevistados relata que, no passado, já tentaram sobreviver só de frutas, mas o mercado não permitiu que assim continuassem, pois o pagamento pelo quilo da fruta, em épocas de colheita, é muito baixo.

Nessas circunstâncias, optaram por cultivar cereais e, para eles, o resultado tem sido satisfatório. Segundo um dos entrevistados, a produção de café ainda permanece em alguns estabelecimentos, mais para manter a tradição da cultura – presente nas terras da família desde que o lote foi adquirido – do que pelo rendimento ou lucro que a mesma oferece.

**Tabela 4-** Lavoura temporária em Assaí no ano de 2006

Lavoura temporária	Quantidade produzida (toneladas)	Área plantada (hectares)	Valor da produção (reais)	Rendimento médio (kg/hectare)
Algodão herbáceo	35	20	32.000,00	1.750
Alho	64	16	192.000,00	4.000
Amendoim (em casca)	3	3	3.000,00	1.000
Arroz (em casca)	31	23	13.000,00	1.347
Batata-doce	240	4	72.000,00	60.000
Cana de açúcar	6.960	80	251.000,00	87.000
Feijão (em grão)	76	80	95.000,00	950
Mamona (baga)	8	6	5.000,00	1.333
Mandioca	1.800	120	450.000,00	15.000
Melancia	90	3	30.000,00	30.000
Milho (em grão)	19.845	5.000	4.495.000,00	4.459
Soja (em grão)	53.966	24.200	22.504.000,00	2.230
Tomate	349	15	152.000,00	23.266
Trigo (em grão)	5.400	11.600	2.376.000,00	1.000

Fonte- IBGE (2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No município de Assaí pode-se perceber que a produção de culturas diferenciadas permite que os consumidores sejam beneficiados em relação aos preços, mais acessíveis, pois parte dos produtos são postos à venda em locais bem próximos da área onde foram produzidos, o que reduz custos com frete e pessoal, entre outros. As relações de trabalho familiar mostram-se presentes nos estabelecimentos dos entrevistados. Percebe-se que o esforço para manter a produção, como planejado pelo chefe da família, ocorre em tempo integral. Essa característica de planejamento foi reconhecida em alguns dos entrevistados, durante o processo de coleta de informações. Ficou bem claro que a atividade agrícola vai muito além de simplesmente optar por determinada cultura. Segundo os próprios agricultores, é preciso pensar na cultura, no solo, na extensão do estabelecimento, na mão de obra a ser empregada, no escoamento da produção, na viabilidade de colocação do produto no mercado, entre outras questões.

Assaí foi reconhecida como grande produtora de algodão, na década de 1980, e ainda mantém a produção dessa cultura, mas em menor quantidade de áreas plantadas. O café, como produto tradicional, principal veículo de propaganda do governo japonês para incentivo da vinda dos imigrantes para o Brasil, também continua sendo produzido no município, mas em escala bem menor do que nas décadas passadas. A introdução de diversas culturas permanentes, como maçã, cítricos, entre outras, permitiu a troca dos

lugares de produção – antes dedicados em maior parte ao café e ao algodão – para a diversificação, juntamente com a produção de *commodities*, os cereais.

Nesse sentido, percebe-se que no Brasil, apesar das diferenças de tradição e cultura, houve integração dos japoneses e seus descendentes com os brasileiros não-descendentes. Assim, a possibilidade de aprendizagem e troca de informações propiciou – e ainda propicia – ganho em experiência e satisfação com os resultados provenientes desse processo. Assaí é a residência de muitos desses imigrantes, ou de parte das famílias dos mesmos, que auxiliaram no processo de ocupação e colonização do Paraná, trazendo experiência e tradição oriental a esse estado.

## REFERÊNCIAS

- ASARI, A. Y. **...E eu só queria voltar ao Japão**. Colonos japoneses em Assaí (PR). 1992. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- FUKAGAWA, T. **A presença japonesa no município de Assaí: o caso da seção Palmital**. 1988. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2006. **Censo Agropecuário 2006** - Resultados Preliminares. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuaria.pdf>> Acesso em: 04 jul. 2008. p.01-141.
- \_\_\_\_\_. 2007. **Produção Agrícola Municipal 2006**. Malha municipal digital do Brasil: situação em 2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- \_\_\_\_\_. 2008a. **Projeção da população do Brasil**: Brasil já tem mais de 180 milhões de habitantes. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=207](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=207)> Acesso em 08 mar. 2008 s.p.
- \_\_\_\_\_. 2008b. **Paraná: Assaí**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em 12 set. 2008. s.p.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. 2008a. Indicadores econômicos: produção agrícola Paraná. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/pdf/indices/produtos\\_agricolas.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/indices/produtos_agricolas.pdf)> Acesso em 16 jul. 2008a.
- \_\_\_\_\_; 2008b **Mapas interativos**: uso do solo paranaense. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/website/usodosolo/viewer.htm>> Acesso em 16 jul. 2008.
- LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista de Saúde Pública**. Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, suplemento, jun 1973. s.p.
- MARTINS, J.S; **O cativo da terra**. São Paulo: L.E.C.H, 1979.
- OGUIDO, H. **De imigrantes a pioneiros**: a saga dos japoneses no Paraná. Curitiba: [s.n.]. 1988.
- RIBEIRO, D. Japoneses agruparam-se em ‘colônias imaginárias’. **Folha de Londrina**. Londrina, 18 jun. 2008. Caderno: Folha IMIN 100. p.16.
- SAKURAI, C. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAKURAI, C. Dos passageiros do Kasato Maru aos aviões da Varig. In: SAKURAI, C. e COELHO, M. P. (orgs.) **Resistência e Integração**: 100 anos de imigração japonesa no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p.120-135.

SANO, R. K. Japoneses: sonhos e pesadelos. **Trabalhadores**. Publicação mensal do Fundo de Assistência à Cultura, Prefeitura Municipal de Campinas, 1989. Disponível em: <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/influenc/japonhis.htm>> Acesso em 07 mar. 2008. p.01-04.

SÍMBOLOS NACIONAIS. **Mapas dos estados do Brasil**: Paraná. Disponível em: <<http://simbolosnacionais.blogspot.com/search/label/Mapas>> Acesso em 26 fev. 2009.

Recebido em 08/09/2011.

Aceito em 20/12/2012